

DESMENTIDO

Jairo Gerbase

A estrutura de linguagem: “Era uma vez, um não”

Os axiomas

Poderíamos nomear [S(\bar{A})] de primeiro não. Em primeiro lugar, no sentido de “era uma vez”, no sentido mítico, histórico, em segundo lugar, no sentido estrutural, porque esse matema se lê: falta um significante no Outro.

Então, comecemos com um primeiro não. Lacan nomeou de diversas maneiras, progressivamente, no curso de seu ensino, esse “era uma vez, um não”: vazio, falta, furo. Esse matema pode ser enunciado através de vários axiomas.

Comecemos pelo axioma de Freud, “o objeto é reencontrado” que sempre evocamos, mas talvez não nos lembremos de que ele está também precisamente enunciado no texto “A denegação”¹. Esse objeto reencontrado podemos enunciá-lo de outras maneiras, tais como: “a mulher é não-pênis”, que é um enunciado equivalente ao “a mulher é castrada”. Do mesmo modo, podemos enunciá-lo como “a forclusão d’ \bar{A} Mulher”, tal como Lacan introduziu no “Seminário V”².

O primeiro não, pode ainda ser enunciado como “o desejo é de desejo”, o que quer dizer que não existe um objeto que satisfaça o desejo, que somente a falta o satisfaz, e por isso ele se torna estruturalmente desejo insatisfeito.

Podemos inclusive enunciar esta falta de um significante no Outro como “Há Um e não há nada de Outro”,³ e a partir deste enunciado chegar a outro modo de enunciar o axioma da psicanálise como “o Outro não existe” se seguirmos as indicações do texto “O impossível de apreender”.⁴

¹ FREUD, S. *A negativa*. (1925). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1976. v. XIX, p. 298.

² LACAN, J. *O significante, a barra e o falo*. Seminário 5 as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999, p. 363.

³ Não estou seguro que esta é a melhor tradução da expressão *Il y a de l’Un, mais il n’y a rien d’Autre*, ou se seria melhor destacar o partitivo *de l’*.

⁴ LACAN, J. *L’impossible a saisir*. (10/05/77). Séminaire XXIV L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre. ORNICAR? 17/18. Paris: Navarin Ed. 1979.

Finalmente, pode-se ler o matema $[S(\mathcal{A})]$ como “A Mulher é não-toda”, tal como aparece nas fórmulas da sexuação do “Seminário XX”⁵ que, como se sabe, é um enunciado equivalente a “Não há relação sexual”. A falta de um significante no Outro, torna impossível a relação biunívoca.

O juízo inicial

Nosso entendimento do texto “A denegação”, de Freud, é que o falaser deve julgar, em primeiro lugar, esses axiomas denotados no matema $[S(\mathcal{A})]$, deve fazer um primeiro juízo acerca do enunciado “A Mulher não existe”, deve ajuizar a existência do gozo d’A Mulher. O falaser deve julgar esse primeiro não – “não há” – “A Mulher não tem” - “A Mulher não é”, ou melhor, “A Mulher é não” – “A Mulher é não-toda”, etc., que caracteriza a estrutura de linguagem, e deve responder a esse primeiro “não” com um “sim” ou com um “não”. Se responde com um “sim” temos o que Freud denomina de *Bejahung*, de primeira afirmação, cujo enunciado pode ser: “sim, aceito a evidência que A Mulher é não-toda”.

Segundo a gramática de Port-Royal, julgar é declarar um atributo ao sujeito. Se eu disser, “a terra é redonda”, tenho, de um lado, um sujeito, terra, e do outro lado, um atributo do sujeito, “redonda”.

Logo, o primeiro sim pode ser enunciado dessa maneira: “aceito que A Mulher é não-toda, que ela é castrada”. Portanto, *dizer que sim*, é fazer a atribuição A Mulher, que no caso, é o sujeito, de ser castrada, que é seu atributo. Isso é um juízo de atribuição: “A Mulher é castrada”.

Por outro lado, que faz o ser falante da outra classe? Faz o que Freud chamou de *Austossung*, expulsão. Ele foraclui a castração, ou seja, exclui radicalmente o juízo de existência da castração d’A Mulher. Ele *diz que não* é verdade que “A mulher não existe”, mas esse “não é verdade” funciona como se “nunca houvesse existido”. Logo, não tendo feito um juízo de existência não pode fazer um juízo de atribuição.

Temos aí, os dois modos de ajuizamento desses axiomas, as maneiras como se julga essa imperfeição da linguagem, as duas maneiras como o fala-ser se defende do real. Os dois modos de julgamento correspondem às duas classes de seres falantes: o conjunto da neurose e o conjunto da psicose.

⁵ *Idem. Letra de uma carta de almor*. Seminário 20 mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985, p. 108.

Isso nos impede de colocar o modo perverso de *dizer que não* à castração feminina como um terceiro princípio, que determinaria um terceiro conjunto de fala-ser, nos impede de deduzir, da *Bejahung* ou da *Austossung*, a perversão. Não é possível deduzir a estrutura perversa nem da primeira afirmação nem da primeira negação e, portanto, temos de considerar a perversão como uma modalidade de um dos dois juízos iniciais.

As estruturas do sintoma

Ichspaltung

A partir dessa consideração sobre os axiomas da estrutura de linguagem e os juízos que podemos fazer diante deles, devemos considerar as estruturas do sintoma.

Freud denomina *Spaltung*, divisão, os mecanismos, as operações que o fala-ser lança mão para enfrentar, agora em uma segunda dimensão, o julgamento sobre a existência d' Δ Mulher. Essa clivagem, Lacan a escreve com a notação [$\$$]. As *Spaltung* são as estruturas do sintoma. Fazer uma clivagem do eu, segundo o léxico de Freud é, principalmente, fazer uma operação de recalque ou de foraclusão. É o que se chama de defesa. É a “divisão do eu no processo de defesa”.⁶

Freud insiste nesse ponto do começo ao fim de sua obra. Seja em “As neuropsicoses de defesa” (1984)⁷ ou em “Esboço de psicanálise” (1938),⁸ Freud define o recalque e a foraclusão como defesas do real.

Segundo nossa hipótese, os que fizeram o julgamento de existência e de atribuição podem tomar um caminho, uma *Spaltung*, uma defesa que vai levar a uma estrutura do sintoma - neurose; por outro lado, há uma outra *Spaltung*, uma outra defesa, que vai conduzir a uma outra estrutura do sintoma - psicose. Assim esboço as estruturas do sintoma, a psicose dependendo do primeiro não, da *Austossung* que é uma *Verwerfung*, e a neurose dependendo do primeiro sim, da *Bejahung*.

Recalque

⁶ FREUD, S. *A divisão do ego no processo de defesa*. (1938). Esboço de psicanálise. *Op. cit.* v. XXIII.

⁷ *Ibid.* v. III.

⁸ *Ibid.* v. XXIII

A idéia central desse trabalho é, no entanto distinguir em uma das operações significantes de defesa do real, a que corresponde ao sim primordial – o recalque, sua modalidade - o desmentido.

Recalcar consiste em dizer “não quero saber nada” desse assunto, “não quero saber nada” da castração d’ A Mulher, tenho *horror* a isso. No texto “Fetichismo” (1927) ⁹, Freud vai dizer que a *Verdrängung*, o recalque, incide sobre o afeto. Isso não é muito fácil de entender, porque no texto anterior sobre o “Recalque” (1915)¹⁰ ele havia dito que o afeto é deslocado.

Antes afirmara que o afeto é deslocado e a idéia é recalçada, mas depois introduz uma precisão sobre esse assunto ao dizer que “se for preciso fazer uma distinção entre recalcar e desmentir devemos dizer que o recalque consiste no *horror* à castração feminina a tal ponto que não quero saber nada disso”. Isso quer dizer, que o recalque incide sobre um afeto, o *horror*. Digamos que recalcar é não se permitir considerar logicamente, não se permitir julgar racionalmente a questão da castração feminina. É uma conduta afetiva. Parece-me que é isso que Freud quer dizer com o recalque incide sobre o afeto.

Quando Lacan se ocupa desta distinção, em “Televisão”, ¹¹ esclarece que a idéia que o inconsciente é estruturado como uma linguagem permite verificar mais seriamente o afeto que a idéia que se trata de uma perturbação das funções do corpo devido à descarga de noradrenalina. Que haja perturbação das funções do corpo, isso ele não discute, mas que isso venha da alma, ou do próprio corpo como se diz atualmente, isso ele discute. Uma descarga de serotonina descarrega pensamento. O deslocamento de afeto de que se trata no recalque não é senão a representação do sujeito de um significante para um outro significante. A representação recalçada é a estrutura significante e o afeto aí implicado é a angústia.

Foraclusão

Antes de considerar o desmentido – modalidade do recalque - devo considerar, brevemente, a foraclusão. Prefiro dizer que aqui, a *Spaltung*, se chama foraclusão no sentido restrito, foraclusão do Nome-do-Pai.

⁹ *Ibid.* v. XXI, p. 180.

¹⁰ *Ibid.* v. XIV, p. 176.

¹¹ LACAN, J. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993, p.41.

A *Austossung*, ou a *Verwerfung* que corta pela raiz toda possibilidade de julgamento, é uma primeira não-afirmação e se pode enunciar dessa forma: “A Mulher não existe” num sentido distinto do recalque, no sentido de nunca haver existido.

Esse enunciado ressoa na forclusão do Nome-do-Pai, que podemos enunciar assim: “o Pai não existe”. São enunciados equivalentes: “A Mulher existe” para a forclusão generalizada, para todo fala-ser e “o Pai não existe” para a forclusão restrita, para o fala-ser psicótico. O enunciado “o Pai não existe” traduz o provérbio latino “*Pater incertus*”.

Lacan reiterou, em todo seu discurso, a começar pelo “Seminário 3 – as psicoses”, em dois capítulos dedicados à “Questão histórica”,¹² que a “incerteza da paternidade” é um indicador seguro do que é uma questão de julgamento, de juízo sobre a paternidade, sobre a procriação, que é um índice seguro da entrada na psicose, na paranóia.

Seria possível generalizar os Nomes-do-Pai e dizer que os dois enunciados – “A Mulher não existe” e “o Pai não existe”- são duas formas da forclusão do Nome-do-Pai, ou, seria possível singularizar e dizer que o Nome-do-Pai é a forclusão que induz a psicose e que Lacan chamou de “problema da geração”, da procriação, da incerteza do pai.

Desmentido

Desmentir é fazer uma declaração por meio da qual se designa que “não é verdade”. No caso que estamos examinando, trata-se de declarar que “não é verdade que A Mulher é castrada”. Dizer que “não é verdade que a mulher é castrada” é um pouco diferente de dizer que “não quero saber nada disso”, de dizer que se tem horror a esse assunto. O sujeito que diz que não é verdade que a mulher é castrada, está disposto a argumentar e o faz de uma maneira magistral, segundo Freud, construindo um monumento à castração que é o fetiche.

O mais magistral é que o sujeito não enuncia isso verbalmente, enuncia em ato, fica fascinado por um pé, por um vislumbre do nariz e esta é sua forma atuada de dizer: “isso eu discuto”, que a mulher é castrada eu discuto, porque tenho aqui um símbolo, um fetiche, do não-pênis da mulher.

¹² LACAN, J. *A questão histórica I e II*. Seminário 3 as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1985, p. 186-208.

É por esta razão que Freud diz que no caso do recalque se trata de horror, que a operação incidiu sobre o afeto e no caso do desmentido a operação incidiu sobre a idéia, sobre o argumento lógico que justifica a ereção do objeto fetiche.

Vale observar que o fetiche não é um símbolo do pênis, como se poderia pensar. Freud termina o artigo dizendo, o protótipo do fetiche é o pênis, mas todo o motivo central do artigo é dizer que o protótipo do fetiche é o não-pênis da mulher.

A tese de Lacan, no “Seminário IV”¹³ é que a relação do objeto é a relação com a falta do objeto. O fetiche é isso, um símbolo da falta de objeto. A rigor, o fetichista não quer fazer existir o pênis, o objeto que falta à mulher, quer representar, por meio do objeto fetiche, o não-pênis da mulher. O fetichista faz um monumento à castração, um monumento ao não-pênis da mulher e isso é um argumento lógico.

Freud diz que “um termo novo se justifica quando descreve um fato novo” mas, no caso do fetichismo não é bem assim, não se trata de um fato novo, não se justifica um novo léxico. “O léxico mais antigo do vocabulário psicanalítico *Verdrängung*, recalque, já se relaciona com esse sintoma”, com o fetichismo. “Se quisermos diferenciar mais nitidamente a vicissitude da idéia como distinta daquela do afeto, então, a palavra alemã correta para a vicissitude da idéia seria *Verleugnung*, desmentido”¹⁴.

Destaco aí um argumento de Freud propondo que em princípio, não devíamos diferenciar o desmentido do recalque, deveríamos fazer do desmentido uma modalidade do recalque, porque o fetichismo não é um fato novo, e, portanto, não se justifica um léxico novo. Seria preciso fazer a disjunção entre o intelectual e o afetivo, separar o que se passa no nível do afeto, do horror, do que se passa no nível da argumentação lógica, para justificar essa disjunção. Mas, como se sabe, não se justifica essa disjunção entre o intelectual, o simbólico e o afetivo, o real, entre o significante, de um lado, e o gozo, de outro.

Se quisermos diferenciar a vicissitude da idéia e a vicissitude do afeto, o horror à castração, o afeto, por um lado, e, por outro lado, o significante da castração, o argumento “não é verdade que a mulher é castrada”, então, poderíamos usar o léxico *Verleugnung*, desmentido. Mas, isso não parece ser necessário, porque a mais antiga palavra do léxico psicanalítico, *Verdrängung*, recalque, já se relaciona com esse sintoma, o fetichismo.

¹³ LACAN, J. *As três formas da falta de objeto*. Seminário 4 a relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1995, p.24-39.

¹⁴ FREUD, S. *Fetichismo*. (1927). *Op. cit.* v. XXI, p. 180.

O fetichismo não é um fato novo que mereça um léxico novo. É nisso que me baseio para afirmar que não há três estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão, para dizer que devemos falar de neurose e psicose e de formas perversas do sintoma neurótico.

É possível justificar o conceito de recalque e foraclusão - uma *Verdrängung* é completamente diferente de uma *Verwerfung*, no nível mais primário possível, no nível do juízo, mas não é possível diferenciar nesse mesmo nível o recalque e o desmentido - o mais antigo léxico psicanalítico, *Verdrängung*, recalque, já se relaciona com esse sintoma, o fetichismo. Essa é a nossa hipótese e parece estar inspirada em “Fetichismo” de Freud.

Uma vez concluído “o Eu e o Isso” (1923)¹⁵, a segunda tópica, que dá fundamento ao primeiro alicerce da psicanálise, o conceito de inconsciente, Freud se dedica ao estudo do segundo alicerce da doutrina, o gozo sexual, e acaba encontrando um botaréu - o gozo d’ A Mulher.

Dois outros artigos dos anos vinte sobre a questão do primeiro alicerce - da topologia do inconsciente - são aí interpolados, “Neurose e psicose” e “Perda da realidade na neurose e na psicose” (1924)¹⁶. É curioso notar que Freud não escreve um artigo sobre “Neurose, psicose e perversão” e isso acontece, na nossa opinião, porque não está interessado em multiplicar os mecanismos, em multiplicar as defesas do real. Seu escolasticismo lhe impõe essa economia; os conceitos de neurose e psicose são suficientes para dar conta das estruturas do sintoma.

É possível ordenar a seqüência da pesquisa de Freud, nos anos vinte, sobre o segundo alicerce da psicanálise, os dois gozos, dessa maneira: “Organização genital infantil” (1923)¹⁷, introduz o conceito de falo como o único significante do gozo sexual. Essa organização não é encontrada nos “Três Ensaio” (1905).¹⁸ Lá só se encontra a organização oral e anal.

A pesquisa prossegue com “A dissolução do complexo de Édipo” (1924)¹⁹, onde ele propõe o conceito de complexo de castração, da diferença entre a castração do menino e da menina.

“Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica dos sexos” (1925)²⁰, trata da questão das duas lógicas sexuais, isto é, da lógica do todo e da lógica do não-todo. Não quer dizer que a anatomia é o destino, não se trata da diferença anatômica, mas da

¹⁵ *Ibid.* v. XIX.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ *Ibid.* v. VII.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ *Ibid.*

diferença lógica dos sexos. Trata-se de como devemos classificar os falaseres: todos do lado da lógica do todo, que é a lógica fálica e alguns do lado da lógica não-todo fálica, da lógica não-toda.

Freud prossegue sua pesquisa com “Fetichismo” (1927)²¹, objeto deste trabalho e, finalmente, “Sexualidade feminina” (1931)²² e “Feminilidade” (1932)²³ concluindo assim a pesquisa dos anos vinte sobre a questão dos dois gozos sexuais.

Freud se obstina em defender o conceito de castração d’A Mulher, entre 1923 e 1933, não cessa de investigar a “sexualidade feminina”, texto onde se encontra o fundamental enunciado “*Was will das Weib*”, “o que quer A Mulher”.

A pesquisa de Lacan dá continuidade à pesquisa de Freud, que ele renomeia com seu enunciado “A Mulher não existe” e, em consequência disso, “Não há relação sexual”.

As formas do sintoma

A partir daí podemos distinguir as formas do sintoma neurótico [e seus tipos clínicos: histeria, obsessão, fobia], as formas do sintoma perverso [e seus tipos clínicos: masoquismo, escopofilia, fetichismo] e as formas do sintoma psicótico [e seus tipos clínicos: paranóia, esquizofrenia, elação (que é a mania)].

Mesmo reduzindo cada forma do sintoma a três tipos clínicos temos tipos demais e por isso gostaria de reduzi-los um pouco mais. O procedimento de redução que adotaremos consiste em distinguir os objetos implicados em cada forma: o objeto fóbico na neurose, o objeto fetiche na perversão e o objeto *a* na psicose.

O objeto fóbico é um objeto significante. Sua definição já clássica é a de um significante que serve para tudo. Mas, o objeto fóbico não define, a rigor, uma forma de sintoma, porque ele é um sintoma em construção. O objeto fóbico é uma plataforma que dá acesso à obsessão ou à histeria (com certeza não dá acesso à psicose).

O objeto fetiche não tem a mesma função significante. O objeto fetiche é um símbolo, um representante da castração feminina. O exemplo privilegiado de Freud é o fetiche do brilho no nariz, *Glanz auf der Nase*, aquele que o sujeito só vai poder decifrar recorrendo a sua outra língua, a língua inglesa, na qual *glanz* é homófono de *glance*, que quer

²¹ *Ibid.* v. XXI.

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.* v. XXII.

dizer, um vislumbre. Isso leva Freud a dizer que o objeto fetiche que, em geral, é um segmento do corpo, é um monumento à castração.

No entanto, seu exemplo mais eminente é o da homossexualidade como fetichismo. Para Freud, na homossexualidade não está em jogo, de preferência, um gozo anal. A homossexualidade é o fetichismo por excelência, porque nela o fetiche é o próprio pênis. Enquanto o fetiche do pé é uma metáfora do pênis que falta à mulher, a homossexualidade é um fetichismo literal.

O objeto fetiche não serve para tudo, não é uma plataforma como o objeto fóbico. Talvez, o objeto fetiche responda pelo aparecimento de tipos de perversão na neurose, em virtude de que, insisto, do ponto de vista estrutural, o desmentido deve ser considerado uma modalidade de recalque.

O objeto *a* é o objeto por excelência da psicose dado que é um furo. A hipótese de Lacan sobre o objeto *a*, na psicose, assim se enuncia: “na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher (o objeto *a*) que falta aos homens”.²⁴ Este é o sentido de sua fantasia do período de latência do segundo desencadeamento de sua psicose, ou seja, a idéia de que “seria belo ser uma mulher no ato da cópula”. Mas, não posso me estender sobre a psicose, nessa oportunidade que está dedicada ao desmentido.

Nossa hipótese é que a perversão não se constitui em uma estrutura do sintoma, mas apenas em uma forma do sintoma, certamente, em uma forma do sintoma neurótico.

Se o léxico neurose não é apropriado, dado que exclui o léxico perversão, com o que posso estar de acordo, procuremos outro léxico que possa reunir as formas neuróticas e perversas da estrutura neurótica do sintoma, isto é, daqueles que fizeram a primeira afirmação enquanto suplência à forclusão generalizada, em oposição à estrutura psicótica do sintoma, isto é, daqueles que fizeram a primeira não-afirmação, ou que ratificaram a primeira forclusão com uma segunda forclusão.

O organograma abaixo resume a hipótese proposta neste artigo:

²⁴ LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998, p.572.

